



LIVRO 2

# DIVIDIR E CONQUISTAR

CARRIE RYAN

Tradução  
FLÁVIA SOUTO MAIOR

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2012 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,  
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da  
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Divide and Conquer

CAPA Sammy Yuen e Keistein Geise

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Sammy Yuen

PREPARAÇÃO Rafael Rodrigues

REVISÃO Juliane Kaori e Gabriela Ubrig Tonelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Infinity ring : livro 2 : dividir e conquistar/ Carrie Ryan ;  
tradução Flávia Souto Maior. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.  
— (Série infinity ring ; 2)

Título original: Divide and conquer

ISBN 978-85-65765-17-6

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

13-05477

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](https://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

## Cidade saqueada

SERA ABRIU OS OLHOS. Ela estava olhando para o mesmo muro que encarava antes de fechá-los, poucos segundos atrás. Sentia um aperto no estômago de tanta ansiedade.

— Isso não pode estar certo — murmurou.

Ela baixou os olhos para o Anel do Infinito e o segurou com tanta força entre os dedos que as pontas ficaram brancas.

— Eu coloquei os dados corretamente.

Apenas alguns segundos antes eles estavam na Paris de 1792, e ela havia sentido aquela contração na pele, à qual ainda não estava acostumada. Era a compressão do tempo e do espaço ao seu redor, enquanto viajava de uma época para a outra. E deveria tê-la levado, junto com Dak e Riq, para 885.

Ainda assim, ali estavam eles, olhando para o mesmo muro idiota.

— Isso é tão legal! — O melhor amigo dela, Dak, estava ao seu lado, passando as mãos sobre as pedras irregulares com o olhar hipnotizado. Aparentemente, ele não tinha passado tempo suficiente admirando-as antes de tentarem viajar no tempo. Aquilo certamente o manteria ocupado por alguns momentos. Afinal, Dak podia facilmente ficar empolgado com algo tão sem graça quanto um muro, pelo simples fato de ser histórico — e, ali, *tudo* era histórico.

Ela se virou para Riq. Não o conhecia muito bem, e odiava a ideia de que ele a considerasse incompetente.

— Desculpe. Não sei bem o que deu errado. Isso deveria levar apenas um segundo — ela disse a ele, repassando na cabeça as complicadas equações matemáticas para encontrar o erro. Riq deu de ombros, como se ir parar no lugar e na época errados fosse algo normal, e não uma catástrofe absoluta.

— Sério. Devemos estar lidando com algum aspecto variável oculto do entrelaçamento quântico.

Enquanto passava os dedos sobre os controles do Anel, Sera sentiu que falava de forma um pouco descontrolada, explicando meticulosamente as teorias científicas por trás da viagem no espaço-tempo. Ela tentava ficar calada, mas não conseguia. Quando ficava nervosa, falava sem parar.

Riq manteve o foco no muro, franzindo a testa.

— Eu poderia jurar que isso não estava aqui antes — ele disse, passando os dedos sobre uma série de arranhões no muro.

— Vejam! Deve ter milhares desses! — Dak tinha encon-

trado um monte de apoios para os pés, e conseguiu escalar até o topo do muro. Ele estava olhando para alguma coisa ao longe. Depois olhou para baixo, onde estava Sera, com o corpo inteiro vibrando de empolgação, como quando (foi mesmo há apenas alguns dias?) os dois fizeram uma visita ao Museu Smithsonian com a turma da escola.

O passeio não havia acabado bem — houve um terremoto e eles quase foram esmagados por um barco viking que estava em exposição. Só de pensar, Sera tinha uma leve sensação de desconforto.

— Dak, acho melhor você descer — ela gritou. — Não tenho certeza se...

— Agache! — Riq berrou, interrompendo Sera.

Por uma fração de segundo Dak pareceu confuso, mas logo obedeceu, abaixando-se no alto do muro. Então uma tempestade de pedras e escombros caiu do céu, chovendo em volta deles. A muralha estremeceu com o impacto.

Sera apertou o Anel do Infinito junto à barriga para protegê-lo, enquanto Riq se lançava para a frente, jogando-se em cima dela. Provavelmente não era o melhor momento para perceber que nenhum deles tomava banho há dias, e o cheiro comprovava.

Então Sera se deu conta de outra coisa. As flechas cortando o ar à sua volta eram uma boa pista, mas foi só quando ela realmente assimilou os arredores que todos os pensamentos sobre entrelaçamento quântico abandonaram sua cabeça. A viagem no tempo não tinha falhado, afinal.

Onde antes estavam os elegantes arcobotantes da catedral de Notre Dame e suas janelas que formavam desenhos complicados, agora havia a estrutura pesada e sem graça de uma igreja, com paredes lisas e grossas. Um palácio ainda ocupava a extremidade oeste da Île de la Cité, mas não dominava mais a ponta da ilha com suas torres impressionantes e fachadas elaboradas. Tudo estava diferente do que havia sido um minuto antes, desde a largura das ruas até a construção irregular dos prédios e o barulho de homens correndo para encontrar abrigo. Agora que observava a fundo, Sera notou que até o muro que Dak tinha escalado estava diferente. Enquanto em 1792 eles haviam se refugiado no meio de uma antiga ruína, agora a muralha estava forte e segura, com vários metros de altura e certamente circundando grande parte da ilha.

*Os gênios não enxergam o óbvio, pensou Sera. Isso certamente não é 1792.*

Ondas e mais ondas de flechas e pedras caíram no chão e bateram nas construções próximas. Sera ficou pensando se em algum momento aquilo acabaria. Quando os três concordaram em viajar no tempo para corrigir as Fraturas na história, ela não tinha a menor noção dos perigos em que estavam se metendo.

Até então, as viagens no tempo tinham proporcionado um perigo mortal atrás do outro. Começando pela primeira viagem de todas, quando Dak e Sera viajaram com os pais de Dak para testar o Anel do Infinito novinho em folha. Eles foram parar no meio de uma batalha da Guerra de Independência

dos Estados Unidos, com homens uniformizados correndo na direção deles segurando armas e baionetas engatilhadas. Por pouco não acabaram todos mortos. E, para piorar a situação, os garotos foram separados dos pais de Dak no processo.

Sera não tinha vergonha de admitir: estava assustada. Ela e Dak tinham apenas onze anos, e Riq não era muito mais velho, então ter o destino do mundo nas mãos era *um pouco* desesperador.

Quando os pedregulhos pararam de cair e Riq se afastou, ela notou que ele também estava um pouco trêmulo. Pelo menos ela não era a única.

E é claro que, em seguida, Dak gritou de cima de seu posto:

— Foi demais!

— Como você sabia que ele precisava agachar? — Sera perguntou a Riq. Tenha Dak percebido ou não, o aviso provavelmente salvara a vida dele.

Riq apontou para a parede.

— A imagem arranhada na parede... HX. *Agá Xis. Agache.* Viajar até este lugar e dar de cara exatamente com isso... Imaginei que pudesse ser algum tipo de mensagem para nós, e não quis correr o risco de ignorar.

Sera deu um passo à frente e apertou os olhos na direção do desenho malfeito. Então viu uma coisa que fez seus pulmões se apertarem.

— *Era* uma mensagem para nós — ela disse, passando os dedos sobre dois números: 34 e 88. — Esse é um código para

o meu nome. Trinta e quatro é o número na tabela periódica para o elemento selênio. E oitenta e oito, para o rádio. A abreviação deles é Se e Ra: *Sera*. — Ela se contorceu um pouco. — Sei que isso me faz parecer uma completa nerd.

— Não — Riq respondeu com um sorriso. — Você está falando com um cara cuja ideia de diversão é investigar a etimologia de palavras obscuras. Acho bem legal você ter pensado nisso.

Sera limpou a garganta, sem saber muito bem como responder. Não estava acostumada com aquele tipo de elogio.

— De qualquer modo, sempre foi uma piada interna minha com Dak, mas os pais dele também sabiam. Será que eles deixaram isso para nós? Quanto tempo tem essa muralha?

Só então Dak saltou os últimos metros até o chão, caindo entre eles.

— Gente! — Seus olhos estavam brilhando de empolgação. — Vocês não vão acreditar. Todo o Sena está repleto deles, até onde consegui ver! É como uma grande massa. Não dá nem para ver a água. Eles estão por toda a parte!

Sera não conseguiu evitar um sorriso. Ela era a melhor amiga de Dak desde sempre, e sabia que ele estava esperando que ela fizesse a pergunta inevitável:

— *O que está em toda parte?*

O sorriso dele aumentou.

— Vikings! Deve ter uns setecentos navios ali, talvez mais, se contar os barquetes, que são os barcos menores — ele explicou a última parte para Riq.

O garoto mais velho deu um sorriso forçado para Dak.

— Obrigado, eu entendi. Sou linguista, lembra? Meu vocabulário é bom.

Dak o ignorou.

— Isso é incrível! Sempre existiram debates sobre o número de barcos que os vikings usaram para atacar Paris. Alguns estudiosos disseram que eles estavam espalhados por duas léguas, mas outros argumentaram que não eram tantos com base na aplicação do espaço operacional e um...

— Dak, foco. — Sera revirou os olhos, mas não com maldade. Ela estava acostumada a aguentar essas viagens dele sobre detalhes históricos obscuros. E, para ser sincera, ela meio que gostava porque eram tão, bem... tão a cara de Dak.

Ele alternou o olhar entre ela e Riq.

— De acordo com os livros de história, existem trinta e três mil vikings do outro lado daquele muro, preparando-se para o grande cerco de Paris!

Sera sentiu algo se afundar dentro dela, mas foi Riq que verbalizou o que ela estava sentindo.

— Por acaso os livros de história dão uma data para esse saque?

Dak confirmou vigorosamente com a cabeça.

— Vinte e cinco de novembro de 885.

Sera respirou fundo.

— É... amanhã — ela disse.

Mas Dak ainda não tinha terminado.

— Embora alguns historiadores considerem 24 de novem-

bro, com base no relato de um dos monges que viviam dentro da cidade fortificada...

Riq olhou para Sera e eles compartilhavam a mesma expressão. Mas antes que um deles pudesse dizer alguma coisa, ouviu-se um grande sopro de trompas de batalha vindo do outro lado da muralha, e o urro de trinta mil homens gritando ao mesmo tempo. O chão tremia com a força de tantos pés batendo, conforme a enorme horda de vikings corria na direção da cidade.

Dak parecia extremamente preocupado.

— Hum. — Seu rosto se contraiu de tanta concentração.  
— Acho que foi no dia 24, afinal. Mal posso esperar até voltarmos para que eu possa corrigir os...

— Dak! — Sera gritou. — Os vikings estão saqueando Paris e nós estamos *dentro* da cidade! Eles estão prestes a atacar *a gente!*